



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

DIEGO ARAÚJO CAVALCANTE

**A LOUCURA SEGUNDO A IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL EM
CAMPINA GRANDE – PB**

CAMPINA GRANDE

2019

DIEGO ARAÚJO CAVALCANTE

**A LOUCURA SEGUNDO A IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL EM
CAMPINA GRANDE – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Wilmar Roberto Gaião

**Campina Grande
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376I Cavalcante, Diego Araújo.
A loucura segundo a Igreja evangélica congregacional em
Campina Grande - PB [manuscrito] / Diego Araujo
Cavalcante. - 2019.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde , 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Wilmar Roberto Gaião ,
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."
1. Loucura. 2. Religião. 3. Sujeito evangélico. I. Título
21. ed. CDD 362.2

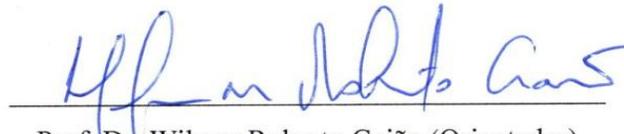
DIEGO ARAÚJO CAVALCANTE

A LOUCURA SEGUNDO A IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL EM CAMPINA
GRANDE – PB

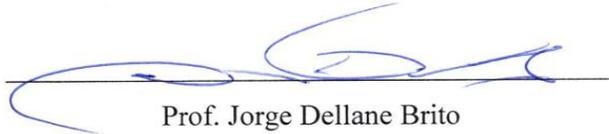
Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Psicólogo (a).

Aprovada em: 26/06/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wilmar Roberto Gaião (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Jorge Dellane Brito
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Luann Glauber Rocha Medeiros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
De Inglaterra a Campina Grande.....	8
Estabelecendo-se em Campina Grande.....	11
Apoio de (e em) outros saberes.....	14
Produzindo o sujeito evangélico.....	15
Sujeito evangélico.....	17
O louco evangélico.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	23

LOUCURA SEGUNDO A IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL EM CAMPINA GRANDE – PB

DIEGO ARAÚJO CAVALCANTE

RESUMO:

Tudo que escapa pode ser considerado louco. Nunca é possível decifrar a loucura totalmente. A fim dominá-la, os saberes buscam enquadrá-la de algum modo. Com o saber religioso não é diferente. Quando assim o fazem, ao tentar compreender o que ela é, também a capturam, moldando-a segundo a lógica do seu saber. O presente estudo tem como objetivo apontar as tecnologias de subjetivação do sujeito evangélico congregacional de Campina Grande – PB, bem como os dispositivos que essa instituição faz uso para explicar e tratar a loucura. Através do processo arque-genealógico, vamos tanto escavar as condições de possibilidades para que os saberes possam gerar discursos, num jogo de forças, bem como quanto investigar as condições de nascimento e de construção do discurso e do saber evangélico congregacional, mostrando desde como ele surgiu na Europa até seu estabelecimento na cidade de Campina Grande, relacionando-se com outros saberes já instituídos na cidade. Fora observado que o discurso da igreja evangélica congregacional sobre a loucura na verdade reforça e legitima o discurso médico, que defende a internação do louco e do tratamento medicamentoso dessa “doença”, também foi observada uma mudança durante a história da igreja protestante em Campina Grande em seu posicionamento político, onde estava no espectro progressista enquanto na condição de instituinte, e agora, já na condição de saber instituído, coloca-se no espectro conservador.

Palavras Chaves: Loucura, religião, evangélica.

ABSTRACT:

Everything that escapes can be considered crazy. You can never completely decipher the madness. In order to dominate it, knowledge seeks to frame it in some way. Religious knowledge is no different. When they do so, in trying to understand what it is, they also capture it, shaping it according to the logic of their knowledge. The present study aims to point out the technologies of subjectivation of the Congregational evangelical subject of Campina Grande - PB, as well as the devices that this institution uses to explain and treat madness. Through the arche-genealogical process, we will both dig up the conditions of possibilities

so that the knowledge can generate discourses, in a game of forces, as well as investigate the conditions of birth and construction of the Congregational evangelical discourse and knowledge, showing from how it emerged in Europe until its establishment in the city of Campina Grande, relating to other knowledge already instituted in the city. It was noted that the congregational evangelical church discourse on madness actually reinforces and legitimizes medical discourse, which advocates the hospitalization of the mad and the drug treatment of this "disease", a change was also observed during the history of the Protestant church in Campina Grande in its political position, where it was in the progressive spectrum while in the condition of instituting, and now, already in the condition of know instituted, puts itself in the conservative spectrum.

Key-words: Madness, religion, evangelical.

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva analítica realizada na cidade de Campina Grande, entre os anos de 2016 e 2017. O desenvolvimento deste estudo está caracterizado dentro deste modelo descritivo analítico, pois, como afirma Minayo 8 (1994, p. 22), com este modelo aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas. Tendo como objetivo compreender o processo de invenção social do discurso Evangélico sobre a loucura na cidade de Campina Grande, mapeando os meios pelos quais a igreja se relaciona com a loucura. Utilizando-se de uma abordagem historiográfica, foi escolhida a primeira igreja protestante de Campina Grande, a Igreja Evangélica Congregacional (IEC). Também fora realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, através da qual foi possível comparar o que há de escrito e gravado na história convencional com o que se constrói na história oral da instituição, a partir dos discursos dos entrevistados.

Foram levantadas informações sobre o surgimento do discurso evangélico congregacional em Inglaterra, como foi sua chegada ao Brasil, ao Nordeste e, finalmente, a Campina Grande – PB, evidenciando as facetas que esse saber construiu para lidar com a loucura, tendo em vista as particularidades que esse saber teve que adotar para se institucionalizar na cidade. Identificar quais tecnologias de subjetivação são usadas para a produção do sujeito evangélico, realizar uma análise genealógica do processo de produção subjetiva do louco religioso com os demais campos do saber, percebendo qual a forma que a igreja enxerga a loucura e de que forma é manejada dentro dos rituais e do cotidiano da instituição.

A loucura é caracterizada como "doença", concepção relativamente recente na história da civilização ocidental. Em determinado momento histórico, a "doença mental" passou a existir como máscara da loucura, e todas as instituições sociais tiveram que lidar e conviver com loucura (CARVALHO, 2009). O saber religioso também se insere nesse contexto e precisou adequar seu discurso sobre a loucura ao que foi estabelecido socialmente pelo saber médico, para, inclusive, legitimar-se, estabelecer-se e, posteriormente, institucionalizar-se no campo social.

Portanto, procuramos abordar o processo de institucionalização desse saber religioso na cidade. Processo esse que muda a dinâmica interna de funcionamento das instituições, sobretudo religiosas que já estavam estabelecidas, devido à chegada de um novo discurso que obriga os outros discursos religiosos a, não sem resistências e conflitos, flexibilizar determinados dogmas e determinadas práticas, que vão desde seus rituais mais cristalizados, até posicionamentos

políticos. As forças que já se encontram instaladas são, assim como as encaramos, compreendidas como instituídas, e as que chegam, ou vêm de fora, são as forças instituintes. Com relação à força instituinte, essa que chega e que tende a transformar as instituições e operar modificações em suas estruturas, é marcada pela ação de produção constante de criação. “O instituinte aparece como um processo, enquanto o instituído aparece como resultado” (LAPASSADE, 1989).

O discurso evangélico congregacional influencia e é influenciado pelo embate de forças que produzem um status de estabelecidos para o que está instituído e um status de *outsiders* ELIAS e SCOTSON (2000), para os que estão no processo de instituinte. Esses embates permeiam toda e qualquer relação, e, no caso do discurso que esta obra se debruça, esse embate teve início desde o momento em que a IEC se colocou como uma religião para a Inglaterra no século XVI e, posteriormente, para o mundo. Podemos perceber isso através da análise arque-genealógico realizada desse saber, tornando mais evidente essas forças entre os instituídos e instituintes, que se chocam das mais diversas formas; desde debates de ideias em praças públicas até mudanças dentro da própria dinâmica interna da igreja, em um processo de institucionalizar-se sem pôr fim aos discursos contrários.

Discursos dentro da própria igreja também foram estudados, pois, por mais unidos que seus membros possam estar para obter qualquer objetivo que seja para o bem comum a todos do grupo, percebe-se também o embate citado pelos próprios fiéis, que estão constantemente sendo influenciados e influenciando o processo de subjetivação do que possa ser o sujeito evangélico congregacional. Foi utilizado o método etnográfico de participação e observação de algumas reuniões do grupo estudado, bem como entrevistas que foram transcritas, analisadas e comparadas com as informações coletadas nas referências bibliográficas. Essa abordagem foi utilizada por Norbert Elias, *Os Estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*:

Deste modo, em sua metodologia, Elias (2000) adota uma postura epistemológica a observação participante, e, como partícipe dessa realidade percebe que o grupo não se mostra homogêneo”. (MARTINS, 2012 p. 4).

Para melhor compreender quais as implicações desses discursos nas vidas – que não se limitam ao âmbito da Congregação – dos sujeitos, fora utilizado esse método para analisar as práticas de subjetivação produzidas pela igreja, e como essas práticas caracterizam e diferenciam o sujeito evangélico dos descrentes. Não há, portanto, uma preocupação em quantificar em dados estatísticos a realidade pesquisada. Outra característica para esta pesquisa dentro do modelo

descritivo analítico é o fato de não existir nenhuma pretensão do pesquisador em interferir na realidade estudada. Para Rudio (1980), o caráter descritivo analítico se estabelece quando o pesquisador busca conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir.

Foram entrevistados quatro membros da igreja, sendo um deles presbítero Batizado na igreja desde 1970. Também foi entrevistado o Primeiro Pastor¹, membro desde 1990, um oficial na igreja desde 1960, e uma mulher que frequenta a igreja desde o ano de 1987, aproximadamente, com algumas interrupções devido a internações em hospitais psiquiátricos desde 1994, quando suas “crises”, segundo a própria, começaram a acontecer. Para resguardar suas identidades, seus nomes foram substituídos, respectivamente, por Augusto, Evandro, José e Francisca. As perguntas primeiramente sempre relacionadas à história de cada entrevistado dentro da IEC e de como esse entrevistado percebe as formas que a igreja lida com a loucura.

O método etnográfico foi escolhido por proporcionar aos pesquisadores uma imersão na realidade do grupo estudado que o mesmo proporciona, também permitindo a visualização do embate de forças entre os saberes instituídos e instituintes, dando-nos a possibilidade de entender como o saber evangélico se relaciona e faz uso de outros saberes para legitimar seu discurso. Buscamos, então, em textos memorialistas o que há registrado na história convencional sobre o discurso evangélico e como se sucederam esses embates de forças aqui na cidade. Trabalhamos com os recursos da história oral para realizar as análises das informações levantadas pela pesquisa bibliográfica.

Para análise de discurso, fora utilizada uma abordagem arque-genealógica foucaultiana, que pode ser dividido em duas partes: arqueológica, proposta na obra *Arqueologia do saber* publicado em 1969, que procura investigar o nascimento do discurso, na medida em que ele se estabelece com status de um saber produtor de subjetividades. A segunda parte desse método é a genealógica, trazida na *Microfísica do poder* (1979), que propõe analisar quais relações de poder se entrelaçam com a constituição dos saberes e da ciência como um todo. Através desse método, podemos fazer uma descrição da realidade estudada de forma a comparar tanto o que há de escrito nos em textos memoriais da cidade e da própria igreja, com os discursos sobre a loucura e também mostrar como os dogmas e as práticas da igreja podem mudar de acordo com a necessidade da época.

¹ Cargo de Pastor referente à representação máxima da congregação perante a sociedade.

De Inglaterra a Campina Grande

O berço da Igreja Congregacional está na Grã-Bretanha. Por mais que tenha uma doutrina calvinista de origem suíça, ela é fruto, junto com diversas outras doutrinas protestantes, da reforma da Igreja em Inglaterra (ABREU, 2003). Doutrinas essas que já pregavam o livre exame da Bíblia, o “debate sobre tolerância religiosa, direitos e liberdades civis, [...] bem como o direito de cada cristão julgar a si próprio em matéria de fé libertando a mente dos protestantes do jugo da Sé de Roma” (p. 4). O estabelecimento desta nova fé, tendo princípios niveladores com relação à anti-hierarquia e ao discurso anticlerical, foi de grande importância para que regimes absolutistas não conseguissem se estabelecer em nações que a Reforma da Igreja fora mais bem-sucedida. Segundo Abreu (2003, p. 11), essa história tem início com o primeiro grande movimento herético inglês, o Lollardismo, tendo John Wycliffe como seu mentor teológico, que possuía discursos e práticas radicalmente contrários aos da igreja católica, como o repúdio a supremacia do papa ou qualquer outra entidade ou coisa que não fosse Deus. Sendo os ingleses precursores do movimento puritano na Inglaterra, produziram uma efervescência de dissidências cristãs no povo inglês, promovendo uma disputa de poder entre os monarcas ingleses e a igreja católica; isso transformou o solo inglês em um ambiente fértil para que essa revolução tivesse força. O caso de Henrique VIII, já com alguns séculos de cismas entre a monarquia inglesa e a Fé de Roma, é o mais conhecido desses conflitos, onde o monarca fora confrontado pelo Papa sobre “seu divórcio de Catarina de Aragão e posterior casamento com Ana Bolena” (p. 20), que acarretou uma série de medidas institucionais contra a igreja católica.

Com o avanço da Reforma, a Inglaterra se torna um refúgio para protestantes perseguidos na Europa continental. E, Isabel I, filha de Henrique VIII, instituiu a “*via média*”, na qual, mesmo tendo estabelecido o protestantismo como Fé nacional, ainda permanecia muitas características católicas. Essa ambiguidade das convicções religiosas de Isabel I, aliada às disputas político-religiosas desse período de reforma, aumentou a tensão entre “*conformistas, não-conformistas e separatistas.*”

“‘Conformistas’ eram aqueles que aceitavam o estabelecimento religioso isabelino de 1559, que restaurou o Protestantismo; ‘não-conformistas’ os que pretendiam que a Igreja de Inglaterra fosse reformada segundo o modelo de Genebra (calvinista); ‘separatista’ os que cansados de lutar pela verdadeira reforma da Igreja de Inglaterra decidiram dela se separar e fundar as suas próprias igrejas” (ABREU, 2003 p. 30)

Desse movimento separatista nasceu a Igreja Congregacional, que na época se chamavam Independentes. Essa denominação condenava o sistema conformista adotado pela Igreja de Inglaterra. Os Independentes consideravam que:

“[...] a verdadeira Igreja Cristã era um corpo independente e autónomo, com direito de eleger e depor os seus pastores, bem como a fixar as suas regras de fé a forma de culto e a disciplina eclesiástica, com base exclusiva no Novo Testamento (esp. Nas *Cartas* de São Paulo). Os Independentes repudiavam toda a forma de unidade entre as diferentes congregações que porventura interferisse com a total independência de cada uma delas. Acreditavam, porém, ser dever das igrejas colaborarem umas com as outras, como membros da comunidade cristã.” (ABREU, 2003 p. 807).

Eles têm base teológica calvinista e possuem uma ênfase na formação acadêmica dos clérigos. Seu fundador, Robert Browne, e seus seguidores foram chamados de *brownistas* até aproximadamente 1642. O Congregacionalismo é trazido ao Brasil pelo trabalho missionário do casal Robert e Sarah Kalley - o primeiro escocês, a segunda, inglesa - junto a alguns convertidos. Robert Kalley foi membro, em sua terra natal, de uma igreja presbiteriana, mas, apesar dessa aproximação, das conseqüentes influências calvinistas e de haver semelhanças entre as doutrinas, o que ele pregava aqui no Brasil, inicialmente, não possuía denominação, sendo, portanto, independente. O batismo foi um dos fatores que o afastou definitivamente da ferrenha tradição presbiteriana, pois não aceitava que ele fosse realizado em crianças (ROCHA, 1944). E sua adoção do regime congregacional é apontada como forma de expressar sua posição anti-hierárquica no que diz respeito à forma de organizar as igrejas, ou seja, uma forma de governo independente.

No ano de 1855, a IEC chega à cidade do Rio de Janeiro, considerada a primeira igreja protestante no país, com pregação em língua portuguesa e inicialmente intitulada Igreja Evangélica Fluminense. Segundo MATOS (2003), os Kalley são considerados pioneiros por iniciarem o primeiro trabalho de evangelização protestante no país. Devido à experiência em Portugal na Ilha da Madeira, onde sofrera forte repressão quando evangelizava e trabalhava como médico voluntário, Robert Kalley teve o cuidado de “não expor seus novos convertidos a perseguições semelhantes” (ÉMILE, 1891, p. 50); por isso, inicialmente, a evangelização ocorria dentro das casas, como “cultos domésticos” e discretos. Porém, a partir do primeiro batismo de um brasileiro, Pedro Nolasco de Andrade, realizado em 1858 - considerada a data de fundação da comunidade evangélica, que contava com 14 membros - o movimento passou a sofrer represálias

por parte do clero e da população católica presente na cidade. ÉMILE (1891) traz alguns exemplos de hostilidade contra os membros:

"[...] eram atiradas pedras, as escadas externas ensaboadas ou untadas de excrementos, dirigiam-se insultos e ameaças de sevícia contra os assistentes, e tudo isso com a autorização ou participação da polícia local." (p. 51)

Esse período turbulento foi marcado por uma resistência através de diálogos e processos estabelecidos com autoridades jurídicas. Após ter-se passado esse momento de maiores tensões e de Kalley ter entregue seus trabalhos no Rio para um de seus pastores-auxiliares, o mesmo viajou durante um tempo e em 1873 foi a Recife onde fundou a Igreja Evangélica Pernambucana (MATOS, 2003).

Os trabalhos até então feitos no Rio de Janeiro e no Recife começaram a ganhar espaço em outros estados; esse saber e esse discurso passaram a se institucionalizar. Em concordância com as informações coletadas na literatura, um entrevistado relata a trajetória geográfica desse saber no Brasil:

"A igreja tinha vindo dos Estados Unidos pra cá, pro Brasil, e a primeira que chegou aqui no Brasil foi a nossa, a Congregacional, no Rio de Janeiro. [...] Que chegou primeiro em Recife e depois vieram pra Campina Grande. Por exemplo, Congregacional, Batista, Presbiteriana e a Assembleia de Deus". (José)

Nota-se que o entrevistado afirma que a igreja veio dos Estados Unidos; mesmo que a esteja registrado na literatura que a igreja chegou ao Brasil vinda da Inglaterra, fora optado manter essa fala para que a diferença de entendimentos sobre a história da igreja seja mostrada. As entrevistas não revelam com exatidão a chegada da religião em Campina Grande, pois, segundo o entrevistado Membro da igreja há 47 anos, isso se deu em 1915, enquanto o pastor entrevistado afirma que sua chegada foi no ano de 1916. Lino Gomes (2005) em obra intitulada "*Síntese histórica de Campina Grande 1670-1963*", descreve que em Fevereiro de 1910 houve uma tentativa de estabelecer a religião evangélica na cidade, Sinfrônio Costa era então pastor da Igreja Evangélica Presbiteriana, situada onde hoje se encontra a primeira IEC de Campina Grande. Entretanto, outro autor consta que:

"Foi nesse ano [1912] fundada a primeira igreja protestante da cidade. Era a 'Evangélica', do Açude Novo, sendo primeiro pastor o fundador, Sr. Sinfrônio Costa." (CÂMARA, 1998, p. 84).

Essa época mencionada é a da chega dos missionários ingleses Henry G. e Frida Briault à cidade. Já as informações dos entrevistados acerca da fundação do templo e institucionalização

definitiva desse saber em Campina Grande convergem ao dia 15 de Novembro de 1920, o que é confirmado por Epaminondas Câmara:

“15 de NOVEMBRO 1920 – Inauguração do templo evangélico da rua do Açude Novo, que já contava com 30 membros. Presbíteros – João Canuto; diácono – Eulálio Eliazar”.
(CÂMARA, 1998).

Segundo a obra “*João Clímaco Ximenes Sua Vida, Sua Obra*”, (p. 12), quando o Pr. Ximenes foi ordenado para a IEC, o Rev. Briault se ausentou por um período de um ano e, ao regressar, aprovou o trabalho de Pr. Ximenes. A igreja só teria sua ajuda até determinado número de membros. Sendo assim, nesse período, os missionários decidiram que a igreja deveria ser pastorada por um brasileiro, sendo escolhido o Pr. João Clímaco Ximenez, que segundo um dos entrevistados, ficou à frente da igreja durante o período de 1927 até o ano de 1967.

Estabelecendo-se em Campina Grande

As maiores dificuldades enfrentadas pela igreja evangélica e seus fiéis estão relacionadas ao jogo de poder com o saber religioso institucionalizado da igreja católica, que, como religião dominante, não via com bons olhos a chegada de outra que pregava contra algumas práticas e dogmas da Sé Romana. Dentre outros acontecimentos, a formação desses discursos também se estabelecia por meio da relação dialética que envolvia os debates em praça pública:

“[...] então aqui, nesta cidade, ‘houveram’ alguns debates, alguns que eram, de fato, entre paredes e outros, públicos. E estes debates ‘gerava’ com que, é... “suscitava” com que as multidões fossem assistir a esses debates e era necessário que até a polícia pudesse dar assistência aos evangélicos, para não ser, de fato, atropelados com as ideias e com aquilo que estava sendo discutido em praça pública.” (Evandro)

De acordo com a fala do Pr. Evandro, a igreja católica perseguiu as evangélicas quando ainda estavam se consolidando na cidade, através de discursos reacionários à chamada “revolução”, como caracteriza o próprio pastor. Isso ocorreu principalmente na primeira metade do século XX, período do “império de Pe. Cícero e Frei Damião”, seudo o entrevistado. Quando esses debates que atraíam multidões para acompanhá-los se tornou um meio de conflito entre o discurso instituído e o discurso que instituinte, dois saberes que se colocam a prova em praça pública para ter uma maior aceitação social.

Nesse contexto, o discurso protestante ganhava força e cada vez mais adeptos por todo país. Percebendo esse avanço, a Igreja Católica ofereceu resistência à chegada desse novo saber, tanto na esfera nacional quando na regional. Em Campina Grande, com relação ao

protestantismo, essa nova forma de entender o próprio cristianismo, até então monopolizado na cidade pela fé católica, não foi diferente. O discurso estava presente no comportamento de fiéis católicos, que estando em algum cargo de poder, por exemplo, utilizavam-se de meios burocráticos para impedir a prática de quaisquer atividade protestante na cidade, como o impedimento do coral da Igreja Congregacional Central, batizado de Robert Kalley, de se apresentar em praça pública; anos mais tarde esse mesmo coral passou a ser convidado para atividades ecumênicas envolvendo mais de uma religião, participando de um encontro em uma escola católica da cidade:

“Alguns anos atrás, o Colégio das Damas convidou o nosso coral pra ir cantar lá. [...] Esses mesmos chamaram nossas igrejas, nossos corais pra ir cantar lá. Quer dizer, mudou muito, não mudou? A situação mudou.” (José)

O entrevistado continua o relato com o caso do alto-falante da torre da igreja que foi proibido, sendo essa decisão também revista. Esses exemplos de comportamentos reacionários por parte dessas autoridades são sinal do discurso proferido pelo próprio clero católico. Francisca, membro da igreja, que já passou por pelo menos duas internações em hospitais psiquiátricos de Campina Grande, conta que foi vítima de violência devido à falta de compreensão de alguns de seus familiares e amigos, relacionada à sua conversão ao protestantismo:

“As pessoas falavam ‘Ela tá louca’. Que eu era evangélica e tinha aceitado Jesus Cristo como salvador. As pessoas que viviam no mundo não compreendiam a minha atitude. E assim eles falavam ‘Ela tá louca, *vamo* internar.’ [...] Tem muita gente, muita gente que não aceita o evangélico, aí fica complicado” (Francisca)

Através dos estudos de ELIAS e SCOTSON (2000) percebe-se, então, neste recorte histórico, a relação entre o grupo tradicional católico que aparece como o estabelecido na cidade e de maior nível de integração, e o grupo religioso evangélico, *outsider* – que surge com um discurso diferente, novo e mais frágil, por ser estranho e ameaçadores aos grupos estabelecidos. Diante disso, a estigmatização – como a do exemplo citado anteriormente, ao se ter enunciado de forma pejorativa o termo “louca” – surge como ferramenta de afirmação de superioridade através da desvalorização e do constrangimento da existência da diferença. Tenta-se manter “de fora” os que chegam, utilizando-se de uma relação desequilibrada de poder inerente aos grupos mencionados, já que segundo esses autores na obra *Os estabelecidos e os ‘outsiders’*, “um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (p. 23). Mesmo o pastor João Ximenes fazendo parte de

grupos políticos na cidade, a religião sofria perseguições e retaliações. Ainda assim, de modo a lembrar da estratégia dos Kalley no Rio de Janeiro, a sua participação política era uma forma de buscar mais espaço na sociedade. Alguns dados apontam para essa participação quando fez parte de uma coligação no ano de 1933, como afirma Câmara (1998):

"Eleições à Constituinte Federal. Eleito, entre outros, o dr. Irineo Joffily. (6) Dr. Irineo foi eleito pelo PARTIDO PROGRESSISTA. Três legendas disputaram as eleições – O PROGRESSISTA, que dispunha de três a quatro quintos do eleitorado, era presidido no Estado pelo dr. Argemiro e em Campina pelo dr. José Tavares e apoiava o governo; o REPUBLICANO LIBERTADOR, orientado no Estado pelos drs. Antônio Bôto e Joaquim Pessoa e em Campina pelo ex-prefeito Lafaiete e dr. José Pinto de Oliveira; e a COLIGAÇÃO pró-ESTADO LEIGO, composta de comunistas, protestantes, espíritas e alguns mações, dirigida no Estado pelos drs. Osias Gomes, Horácio de Almeida, João Santa Cruz, etc. e em Campina pelo dr. João Arlindo Correia, pastor João Ximenes, professor M. Almeida Barreto, etc. Todos deputados paraibanos à constituinte eram 'progressistas'."

Ver protestantes, no passado, unindo forças a grupos hoje estigmatizados por parte dos próprios protestantes nos faz indagar até onde vão as concessões e flexibilizações de dogmas da igreja em prol de um dito bem maior, tendo em vista que, na medida em que a IEC veio ganhando força e representatividade política, passa a reprimir, tanto semântica quanto pragmaticamente, esses mesmos grupos que a ajudou no seu estabelecimento na cidade. Torna-se evidente como posições políticas decorrem de uma necessidade interna da igreja, tendo em vista que grupos com posicionamentos políticos tão diferentes na segunda década do século XXI, há quase um século dividiam pautas na vida pública.

Mais tarde, entre os anos de 1964 e 1974, jogos de poder começam a se estabelecer dentro do âmbito organizacional das igrejas evangélicas congregacionais do país, o que também afetou a igreja em Campina Grande. Esse saber instituído sofreria modificações internas devido à existência de dois discursos divergentes dentro da mesma doutrina, que variavam sobre a maneira como era realizado o batismo e quem podia recebê-lo.

"[...] quando essa igreja ela teve seu início aqui, ela era uma igreja que eu posso dizer assim, era um tanto radical, não é? Ela tinha suas raízes bíblicas, e muitas coisas não eram aceitas, mas com a vinda do Pr. João², então ele trouxe algumas... ele se uniu a um Pr. do

²

Nome fictício.

Rio de Janeiro chamado Frederico³, da igreja Deus é Amor, e lá eles já acreditavam em batismo com o Espírito Santo, uma série de coisas que, até então, a gente não aceitava isso, não é? E foi isso que formou o conflito com a igreja.” (Augusto)

Esse conflito culminou na cisão da IEC em Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil e União das Igrejas Congregacionais do Brasil. Formaram-se dentro da Denominação IEC esses dois modos de gerenciar e organizar processos legais das igrejas em Campina Grande. O entrevistado membro da igreja a 47 anos também nos fala um pouco a respeito dessa cisão:

“... houve uma reforma... é... religiosa dentro da cidade, tá? E isso fez com que a nossa igreja se dividisse. Ela se dividiu. Então, nessas ‘divisão’, foi formado duas associações, uma chamada Aliança e outra chamada União. E hoje, elas estão afastadas até os dias de hoje. São ‘co-irmãs’, né? Uma ajuda a outra, mas cada uma tem o seu ramo de doutrina.” (Augusto)

Percebe-se como o jogo de forças está presente em todos os âmbitos da instituição. Seja da violência sofrida por uma fiel por ser chamada pejorativamente de louca por ter se convertido a outra religião, ou em uma visão macro da realidade institucional dentro e fora da própria igreja. Com a chegada de cada vez mais membros, novos saberes (individuais) foram-se agregando à instituição, proporcionando uma variedade crescente de interpretações de seus dogmas.

Apoio de (e em) outros saberes

Além de ter se tratado de uma religião que rompeu com os costumes espirituais já instituídos, o regime Congregacional adotado pela igreja também se torna contundente no que diz respeito ao pouco apoio obtido para seu estabelecimento na cidade. Em falas de entrevistados que possuem cargos na instituição, a demonstração de autonomia da Igreja em relação a outras religiões e a outros segmentos da sociedade é expressa da seguinte forma:

“Não, a nossa igreja não teve a ajuda de ninguém, sabe? Pelo contrário, a nossa igreja aqui é uma fábrica de crente pras outras, entendeu?” (José)

A fala de outro entrevistado corrobora com a de José:

“Infelizmente, essa igreja, ela cresceu sozinha, não é? Com a ajuda dos próprios membros, que hoje conta-se com aproximadamente 1800 membros. Foram os membros que sempre mantiveram a igreja firme, não tivemos ajuda de ninguém.” (Augusto)

Embora essa autonomia seja bastante afirmada entre os entrevistados e embora, de acordo

³ Nome fictício.

com MATOS (2003), isso fosse fator para que a igreja, na época de sua institucionalização não crescesse tanto numericamente, em comparação às igrejas presbiterianas, já que essa autonomia também gerava um distanciamento de outras partes da sociedade, o Primeiro Pastor da IEC de Campina Grande afirma que não se trata de uma instituição que não se relaciona com o restante da comunidade social:

“Certo, a igreja evangélica, ela aprendeu a caminhar sozinha, mas ela é muito sociável. Ela não é este indivíduo que exclui as outras denominações, nem também a participação de quaisquer elementos da sociedade.” (Evandro)

Ele também falou em dois momentos sobre a única ajuda identificada nesse processo de institucionalização: a Maçonaria, apesar das dificuldades anteriormente mencionadas, em prol da liberdade religiosa, foi uma das instituições que auxiliou a igreja em sua jornada:

“[...] A Maçonaria ajudou muito o estabelecimento das igrejas evangélicas aqui no Brasil, e não seria diferente aqui no Nordeste, assim como disse dantes, que era um polo onde o catolicismo tinha predominância e não aceitava-se, de jeito nenhum, qualquer interferência de outro cunho religioso. A Maçonaria foi fundamental.”

Quando perguntado sobre como foi esse apoio da Maçonaria, o Pr. continua:

“A gente sabe que a Maçonaria é uma faixa da sociedade que tem um certo poder econômico. Então a voz desse poder econômico barrou certas investidas de outras religiões contra a igreja evangélica.”

Mais uma vez aparece uma referência à relação da IEC com grupos também marginalizados do convívio social. Percebe-se como as relações entre a igreja e a Maçonaria iam além da COLIGAÇÃO pró-ESTADO LEIGO, no ano de 1933. É possível observar, aqui, que, mesmo tendo recebido apoio de outras instituições já estabelecidas na cidade, existe o discurso em que a igreja evangélica não recebeu ajuda e cresceu sozinha.

Produzindo o sujeito evangélico

Existem diversos meios pelos quais o sujeito evangélico congregacional pode ser produzido. A Escola Dominical é historicamente, dentro da instituição, uma das principais ferramentas de instrução doutrinária, onde estudos bíblicos, os "cursos de discipulados", são ministrados pelos pastores; ela foi mencionada por alguns dos entrevistados e um deles afirmou:

"Aqui nós temos postos de discipulados. Muitas vezes a gente enfrenta problemas de pessoas que têm uma ideologia diferente da nossa, não é? E a gente sempre procura ajudar essas pessoas. É claro que nunca tivemos problemas graves aqui. Mas muitas delas, que chegam aqui precisando de ajuda, elas saem daqui satisfeitas, porque recebem aquilo que elas precisam." (Augusto)

A bíblia, como demonstrado nas falas dos entrevistados, tem papel central nessa produção de subjetividade. Portanto, a obediência à Palavra, referente à doutrina, é exigida segundo a interpretação proposta pela Igreja, como afirmou um entrevistado, membro há 57 anos, quando falava sobre a interpretação da Igreja Católica:

"Que quem não segue a Bíblia, como ela é, tá seguindo errado. Tá seguindo errado, erradíssimo. [...] Ouve a mensagem, vê a mensagem, pega na mensagem, tá com ela na mão, mas não obedece. O defeito do ser humano é esse aí. Sabe por quê? Porque Satanás tenta cegar a mente dele, pra que ele não veja a Palavra, pra que ele não ouça a Palavra de Deus e nem compreenda. Então fica o ser humano aqui, na face da Terra, seguindo doutrinas que não tá dentro da Bíblia." (José)

Apesar desse mesmo entrevistado defender a interpretação protestante da bíblia, ele comenta um pouco sobre a existência de divergências dentro da própria religião, como abordado anteriormente, havendo denominações com diferentes interpretações da bíblia e consequentes aspectos diferentes de doutrina, isso ele explica da seguinte forma:

"Agora, divergência tem. Por ser, sabe por que? Por conta da seguinte maneira, a doutrina. O encontro da doutrina, que cada um tem uma doutrina, né? É como o lar, que cada lar tem sua maneira de reger, né, seu lar. As igrejas é a mesma coisa, as denominações são a mesma coisa, entendeu? Acontece isso." (José)

Também é relatado por ele sobre a participação nos cultos e louvores, nos trabalhos da Igreja e sobre o batizado, como os meios de se tornar membro:

"Aí ele vai assistir aos cultos, aí ele vai saber como é, como o culto vai se realizar, como é a mensagem, ele ouve a mensagem, a mensagem é que tem o prestígio mesmo, né? A mensagem. [...] E ele fica habilitado a entrar dentro da igreja, aí passa pros trabalhos da igreja, aí se batiza, se batiza, entendeu? De acordo com a fé dele na igreja, ele se batiza, entendeu? E vai sendo um participante da igreja, trabalhando pra igreja também, e tudo mais." (José)

O Pastor entrevistado também fala sobre a bíblia como principal fundamento de doutrina e acrescentou a respeito de casos de afastamento de líderes da instituição por "correção" falando que a Igreja deve ser referência e seus discípulos seu espelho:

"Princípio é a Bíblia, não deixando de fora os termos sociais Coerência com a doutrina da igreja, que se baseia na Bíblia e que opera mudanças no comportamento do fiel. Afastamento: 1º por conta própria; 2º propostas correção da própria igreja, termo disciplinar, afastamento temporário enquanto o erro é corrigido. Porque a igreja precisa ser espelho e referência, e se este indivíduo não tem comportamento, e a referência dele é simplesmente degradar aquilo que existe internamente na igreja, automaticamente ele não

tem as condições reais de permanecer na liderança, mas Continuar a assistindo na igreja, ele não perde isso." (Evandro)

Em “João Clímaco Ximenes: Sua Vida, Sua Obra”, mostra que a doutrina na época de Pr. Ximenes era bem mais rente do que hoje. Muitas passaram por mudanças e as normas da igreja ficaram mais flexíveis com relação ao comportamento do membro. Tecnologias de produção de subjetividade como escola dominical, participação nos cultos e louvores, batizados, etc. são utilizadas no contexto da IEC de Campina Grande. Mesmo sempre tentando corrigir comportamentos que acreditam ser negativos para a coesão grupal, não foi possível evitar que conflitos se tornassem irreconciliáveis, sendo necessária a cisão do grupo, como no caso da divisão da IEC em *União das Igrejas Congregacionais do Brasil* e *Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil*.

Sujeito evangélico

Em um dos cultos, Pastor Evandro fala sobre nunca parar de se movimentar, nunca deixar de seguir, sempre buscar melhorar. “Um crente parado é como uma máquina enferrujada, não funciona”, ele diz. Percebemos que é de muita importância que a pessoa que chega a igreja seja convertida aos costumes que a mesma prega. Aceitando o que pede a doutrina e fazendo com que a pessoa comece a seguir as regras e assim começar a se produzir o sujeito evangélico, pois isso tornaria ela uma pessoa que vive de acordo com os preceitos de Deus.

“A gente têm que tá também em contato com Deus também, Deus é o pai da eternidade. Quem somos nós diante dele? Nós não somos nada, né? Deus disse que pra ser filho tem que se arrepender, se converter, ser batizado pra se tornar filho Dele.” (José)

A tradição de livre exame da Palavra aparece na própria ministração no culto, onde as passagens lidas são projetadas em telões dentro do templo. Os versículos são organizados em *slides* e a transição de um *slide* para outro é feita de acordo com o que o pastor lê em sua própria Bíblia. Ele ainda chega a falar em outra ocasião que não é muito a favor dessa projeção para que todos possam ver a passagem porque, de certa forma, desestimula o fiel a trazer sua própria bíblia de casa.

Todas as regras que a igreja em estudo segue pertence ao estatuto doutrinário, feito pela aliança das igrejas congregacionais do Brasil denominado *Síntese doutrinária do congregacionalismo* (Os 28 Artigos da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo). Esses artigos são a base fundamental da estruturação teológica da igreja que funda esse modo congregacional de ser evangélico. Em análise os primeiros artigos parecem tratar da

parte sobre a fé do fiel, reforçando a questão do monoteísmo, da revelação de Deus ao homens através das escrituras, da natureza da revelação a homens santos. Os artigos seguintes falam acerca da teoria criacionista do homem, criado a imagem e semelhança de Deus, mas que por intervenção do mal é corrompido e se torna pecador; e por isso há o dever de procurar a salvação, tendo consciência da imortalidade da alma e do Juízo final. Tudo isso faz parte do aspecto teológico o qual é preciso que o fiel passe a se apropriar para que isso molde seu comportamento, pois sabendo da natureza de Deus, do homem, seu dever de se salvar, diante da promessa do Juízo final, sua posição se torna a de seguir a doutrina acreditando em seus preceitos.

As únicas cerimônias e ritos que são adotados na formação do sujeito evangélico é a *Ceia do Senhor*, feito em momentos de celebração que une os fiéis em comunhão e o batismo, que são realizados desde a chegada do missionário Kalley ao Brasil. O batismo é considerado como a verdadeira confirmação para que o frequentador se torne membro da igreja. Tantos embates de força relacionado a esse ponto estão evidentes durante toda a história igreja. Uma lista de candidatos era, e ainda é, apresentado para o batismo, mensalmente, nas assembleias – reuniões administrativas de assuntos referentes à igreja – para que os nomes fossem avaliados e, se preciso, investigados, caso alguma suspeita sobre o comportamento da pessoa apareça. Um exemplo é o caso do adiamento de um batismo por causa de informações a respeito da incredulidade do noivo da candidata, tendo sido comprovado que “o seu noivo é um congregado crente”, o batismo foi providenciado (SOUZA, 1982). Ainda em “*João Climaco Ximenes - Sua Vida Sua Obra*”, encontramos exemplos de pessoas que não obedecendo ao que pede a postura social do crente receberam algum tipo de punição:

“Um crente foi eliminado em 1938 do rol de membros da igreja, porque ‘foi visto entrando na casa de uma prostituta, e fechando a porta da casa por um pouco de tempo. [...]Um crente foi expulso da comunhão por quatro meses, ‘por este ter esbofeteado um menino de um vizinho; ficou resolvido levar o caso à próxima sessão da igreja, para que seja suspenso da comunhão por quatro meses’ (SOUZA, 1982).

Portanto, mesmo depois da pessoa pertencer, seguir e aceitar a doutrina e a palavra, não isenta o corpo disciplinar da igreja de punir algum fiel caso ele apresente algum comportamento que não esteja de acordo com os preceitos da igreja. Certa vez em uma apresentação pública, o pastor Ximenes, citou os nomes de pessoas disciplinadas e reabilitadas. As práticas de subjetivação estão baseadas na doutrina de que o fiel, o “crente”, precisa viver os ensinamentos fora da igreja. Pr. Ximenes aplicava uma disciplina rígida e exigia isso dos fiéis. Ele não poupava

ninguém da disciplina. Alguns exemplos aparecem:

“Casamento misto dava eliminação. Vida mundana trazia eliminação, bem como abandono completo ao trabalho, uso de bebidas e fumo. Cabelos curtos, pinturas, abandono aos cultos, namoros com descrentes, intrigas, desrespeito aos cultos e desentendimentos em famílias [...]” (SOUZA 1982).

É bastante notória a rigidez de guardar o Domingo como dia santo. Muitas disciplinas foram dadas pela falta de consideração dos membros por esse dia. Todas essas regras derivam da bíblia e dos artigos de fundação do congregacionalismo no Brasil. Também caíam no regimento o “crente que fazia negócio no domingo”. Havia uma atenção ao que os membros vendiam em seus negócios: caso vendessem fumo, bebidas alcoólicas, etc., também eram disciplinados.

Quando BAUMAN (1998) aborda em sua obra *O mal-estar na pós-modernidade* o conceito de pureza como sendo “um ideal, uma visão da condição que ainda precisa ser criada, ou da que precisa ser diligentemente protegida contra as disparidades genuínas ou imaginadas.” (p. 13), e o conceito de sujeira, “o oposto da ‘pureza’ – o sujo, o imundo, os ‘agentes poluidores’ – são coisas ‘fora do lugar’. Não são as características intrínsecas das coisas que as transformam em ‘sujas’, mas tão-somente sua localização e, mais precisamente, sua localização na ordem das coisas idealizada pelos que procuram a pureza” (p. 14), o sociólogo nos instiga a pensar em sobre um âmbito social mais abrangente, mas que pode ser aplicado à realidade da IEC de Campina Grande. Observamos que seus dogmas passam por um processo de reforma quase ininterrupto, tendo em vista a grande variedade de participantes e compreensões, oriundas do livre exame da bíblia, defendido pela doutrina, e vêm se adaptando à realidade social da cidade onde está inserida, seja eliminando a sujeira, seja expandindo o conceito de pureza.

O louco evangélico

Como analisamos algumas tecnologias de subjetivação que constituem o sujeito evangélico, agora iremos tratar do assunto da loucura para a IEC em Campina Grande. A fuga da loucura das amarras dos saberes que tentam dominá-la não para de acontecer. No caso da instituição estudada, não foi identificado um novo saber sobre a loucura mas a assimilação de um saber já instituído na sociedade na qual a igreja está inserida, o discurso médico. Essa posição se confirma quando o líder da igreja diz:

"A loucura é uma coisa extremamente física. Nós não podemos espiritualizar isto, né? O cara é louco, é louco mesmo. Se ele tem uma ação demoníaca, então a igreja vai resolver isso orando pela pessoa. Colocando isto como preocupação nossa, de trazer libertação daquela pessoa. Mas loucura é loucura mesmo, tem que internar, tem que medicar, tem

que cuidar, tem que fazer todas as providências pra cuidar dessa pessoa. Quem não faz assim estaria, de fato, espiritualizando muito a vida comum e não dando nenhuma solução para aquilo que é evidente." (Pr. Evandro)

Foi mencionado ainda nas entrevistas que o louco precisa ser tratado por profissionais de saúde. Uma das pessoas entrevistadas, usuária de saúde mental e membro da Igreja, cita que um dos pastores lhe indicou a procurar ajuda profissional e disse que seu problema não seria espiritual e sim psicológico:

"Aí, inclusive, eu falei com o pastor Samuel, ele disse 'Francisca, o seu problema não é psicológico... não é espiritual, é psicológico. Você tem que procurar o seu psiquiatra'".
(Francisca)

Não houve intervenções por parte da igreja em seu transtorno com alguma forma de tratamento espiritual, mas houve, de acordo com as entrevistas, ajuda financeira, práticas assistencialistas e auxílio espiritual através de orações. Um desses momentos de oração foi presenciado durante um culto. Uma usuária de saúde mental solicitou que orações fossem feitas para ele, enquanto a igreja estendia suas mãos em sua direção. Essa usuária nunca foi vista acompanhada na igreja, sempre compareceu aos encontros sozinha. O pastor chega a falar ao microfone que o poder que as palavras têm para os congregacionais é diferente do poder quase místico que têm para os pentecostais. Diferença essa que o pastor faz questão de ressaltar. O poder que ele interpreta é mais relacionado aos afetos do que à cura em si. Sobre essas orações, o entrevistado explica:

"É o seguinte, a igreja tem uma missão de fazer orações pelos enfermos, visitar os enfermos, entendeu? E orar por eles, orar por eles, entendeu? Agora, quem faz a cura do outro não é quem prega, quem faz a cura é Cristo. Agora, Cristo disse o seguinte 'Orai pelos enfermos, a obra quem faz sou eu'. O dever é nosso. Não é somente a pessoa dizer assim 'Eu vou orar por Fulano e Fulano vai ficar bom'. Não é assim, não. Porque é o seguinte, tudo tá na vontade de Deus." (José)

A igreja participa nesse sentido, como um suporte secundário ao tratamento que designam à psiquiatria, como é colocado pelo Primeiro Pastor:

"A igreja é parte desta... deste cuidado, não é o elemento responsabilizado na totalidade. Ela ajuda em tudo que pode. [...] a gente encaminha pro lado devido que é a medicina. A medicina hoje está muito avançada, tem todos os meios para cuidar disso." (Pr. Evandro)

Mesmo que esse discurso fique um pouco controverso foi observado que os evangélicos congregacionais de Campina Grande acreditam que o trabalho de auxílio espiritual deve caminhar junto com o tratamento médico, ambos seriam importantes para um melhor cuidado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é perceptível que, por causa das inúmeras dificuldades na inserção do saber e do discurso evangélico congregacional na cidade, os mesmos parecem preferir não confrontar determinados saberes muito bem instituídos e de maior respaldo/legitimidade social. Estando na condição de *outsider*, junto a outras instituições que também dividem a mesma condição, a IEC, como registrado no texto memorial de Epaminondas Câmara, em certo ponto, juntou-se a essas instituições em uma coligação, que contava com comunistas, protestantes, espíritas e alguns mações. Ou seja, para unir forças contra as instituições mais poderosas da cidade que praticavam violência em diversas camadas da sociedade campinense da primeira metade do século XX, a IEC estava do lado de instituições também *outsiders*, mas que historicamente são ideologicamente contrárias em diversos pontos. Formando alianças com outros saberes também contrários ao das práticas repressivas institucionais na cidade, a IEC teve notável participação política, como nessa COLIGAÇÃO pró-ESTADO LEIGO.

Quando católicos praticaram forte violência psicológica contra Francisca, que, tinha “enlouquecido” por, segundo ela, “ter aceitado Jesus como seu salvador”, podemos notar que o discurso contrário ao da fé evangélica na cidade de Campina Grande não acabava nas palavras do alto clero da igreja, mas se manifestava politicamente em práticas de violência contra os praticantes dessa nova religião na cidade.

No entanto, hoje, nem tudo são desavenças. Por sua história estar relacionada ao incentivo de seus fiéis a participarem no âmbito acadêmico, no que se refere à loucura, a IEC defende que o discurso médico psiquiátrico seria o responsável para o cuidado e tratamento do louco, não querendo, assim, adentrar no campo desse outro saber que, inclusive, se institucionalizaria logo depois do estabelecimento do protestantismo na cidade. A igreja se posiciona, então, no sentido de auxiliar para que o louco seja cuidado por tais profissionais, indicando tal caminho no surgimento de algum desses casos dentro da própria instituição. Acreditam também na internação dos pacientes em surto, demonstrando uma intenção de, posteriormente à internação, trazê-los de volta ao convívio social. A loucura aparenta ser tratada com muito respeito no âmbito da igreja. Durante uma das participações dos cultos de oração, uma usuária de saúde mental cantou um louvor, com ajuda do *playback*, por possuir uma capacidade de fala bastante comprometida. Esse espaço dado à loucura dentro do ritual da igreja foi aprovado pelos fiéis presentes, por meio de comentários positivos, observando assim que o discurso de aceitação não parte apenas da

administração, mas também dos próprios fiéis. Elucidando essa relação entre líderes e discípulos, a entrevistada identificada como usuária de saúde mental mencionou sobre aconselhamentos feitos pelo Pastor entrevistado, demonstrando que ele representa para a mesma uma referência de grande importância.

Não obstante, durante as entrevistas e visitas a igrejas para trabalho de campo, ficou evidente que os discursos proferidos acerca da loucura eram demasiadamente podados, mostrando uma clara intenção de não querer trazer o assunto da loucura para o âmbito espiritual, provavelmente devido à presença implícita do discurso científico/acadêmico, representada pela Universidade e por nós, pesquisadores; de tal forma que esse cuidado com o discurso proferido pelos entrevistados demonstraram um respeito ao discurso que é trazido pelo pesquisador e se reflete nas informações dadas nas entrevistas acerca da loucura, já que são informações caracterizadas por um apreço ao discurso médico, que teria nesse campo de forças, maior propriedade (poder) sobre o tema.

Foram identificadas duas formas que a IEC se utiliza para lidar com a “sujeira da loucura”: a primeira seria a eliminação momentânea da sujeira através de encaminhamentos para internação, medicação e outros cuidados médicos, e a segunda, que seria a expansão do conceito de pureza, aconteceria *a posteriori* do controle dessa loucura, pela reinserção do louco evangélico no âmbito da congregação. É necessário, porém, problematizar qualquer tentativa de conceituar a loucura, devido ao seu status fronteiro no saber, e, por mais que a religião evangélica congregacional possa desenvolver formas para lidar com a loucura, em outro contexto, o evangélico é o louco.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Zina Gonçalves de. A reforma da igreja em Inglaterra: a acção feminina, protestantismo e democratização política e dos sexos, 2003.
- BARBOSA, Elnathan Mikeias do Egito. A participação do protestantismo na luta pela implantação do ensino laico em Campina Grande: emblemas, críticas e posicionamentos – (1924-1930). 2014
- BAUMAN, Zigmunt. O mal-estar na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CÂMARA, Epaminondas. Datas campinenses. Campina Grande: Ed. Caravela, 1988.
- CARNEIRO, Osmar de Lima. http://igrejacongregacional.org.br/?page_id=38.
- CARVALHO, Joselice Moreira de Souza, CARVALHO, Lísia Moreira, WEBER, Luciana Alves Oliveira. Abordagem teórica sobre a loucura e a reforma psiquiátrica no Brasil. UESB. 2009
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FREITAS JÚNIOR, Cleófas Lima de. Memórias de mulheres idosas congregacionais em Campina Grande: obediências e transgressões (1927-1960)
- FREITAS JÚNIOR, Cleófas Lima de. As práticas e representações femininas no protestantismo em Campina Grande: a igreja evangélica congregacional (1927-1960). Mestrado - UFPB, 2010
- FREITAS JÚNIOR, Cleófas Lima de. O feminino no discurso protestante em Campina Grande entre 1930-1940: o caso da primeira comunidade congregacional
- FREITAS JÚNIOR, Cleófas Lima de. A inserção do discurso protestante em Campina Grande (1901-1930): uma introdução
- FREITAS JÚNIOR, Cleófas Lima de. O uso de fontes orais e a história do protestantismo em Campina Grande
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 24.ed. São Paulo: Edições Graal, 2007^a
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- GOMES DE SOUZA, Claudenor. Joao Climaco Ximenes - Sua Vida Sua Obra. Editora: Betania. 1982
- KALLEY, Robert Reid. Os 28 Artigos da "Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo, 1876.
- LAPASSADE, G. Grupos, organizações e instituições. 3^a Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- MATOS, Alderi de Souza, ROBERT REID KALLEY: PIONEIRO DO PROTESTANTISMO
- MARTINS, Ludmila Gonçalves, “Os estabelecidos e os outsiders” – Um convite para repensar heranças Histórico-sociológicas (2012)
- MISSIONÁRIO NA EUROPA E NAS AMÉRICAS, em http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_VIII_2003_1/v8_n1_alderi_matos.pdf, pg. 26.

ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do passado.** Ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da 'Igreja Evangélica Fluminense', pelo Dr. Robert Reid Kalley. Primeira fase – 1855 a 1864. Vol. 2. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda., 1944.

O protestantismo Brasileiro : estudo de eclesiologia e [de] história social Léonard, Émile G., 1891- 1963

Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.35, p. 307-310, set.2009 - ISSN: 1676-2584 310